



**JOSÉ
CARDOSO
PIRES
O DELFIM**

Cá estou. Precisamente no mesmo quarto onde, faz hoje um ano, me instalei na minha primeira visita à aldeia e onde, com divertimento e curiosidade, fui anotando as minhas conversas com Tomás Manuel da Palma Bravo, o Engenheiro.

Repare-se que tenho a mão direita pousada num livro antigo – *Monografia do Termo da Gafeira* – ou seja, que tenho a mão sobre a palavra veneranda de certo abade que, entre mil setecentos e noventa, mil oitocentos e um, decifrou o passado deste território. É nele que penso também – nisto tudo, na aldeia, nos montes em redor e nos seres que a habitam e que formigam lá em baixo, por entre casas, que-lhas e penedos, à distância de um primeiro andar. Sou um visitante de pé (e em corpo inteiro, como numa fotografia de álbum), um Autor apoiado na lição do mestre. Lavatório de ferro à esquerda, mesa de trabalho à direita; em fundo, a porta com a espingarda e a cartucheira penduradas no cabide. Pormenor importante: enfrento a janela de guilhotina que dá para o único café da povoação, do outro lado da rua, e, mais para diante, vejo o largo, a estrada de asfalto e um horizonte de pinhais dominado por uma coroa de nuvens: a lagoa. Algures, no corredor, a dona da casa chama pela criadita.

Temos, pois, o Autor instalado na janela duma pensão de caçadores. Sente vida por baixo e à volta dele, sim, pode senti-la, mas, por enquanto, fixa-se unicamente, e com

intenção, no tal sopro de nuvens que é a lagoa. Não a vê dali, bem o sabe, porque fica no vale, para lá dos montes, secreta e indiferente. No entanto, aprendeu a assinalá-la por aquele halo derramado à flor das árvores, e diz: lá está ela, a respirar. Depois, se quisesse escrever, passaria apenas o dedo na capa encarquilhada do livro que o acompanha (ou numa tábua de relíquia, ou numa pedra) e sulcaria o pó com esta palavra: Delfim.

Seria uma dedicatória. Um epitáfio, também. Seis letras que, de qualquer maneira, não teriam mais do que a justa e exacta duração que a poeira consentisse até as cobrir de novo.

I

O largo. (Aqui me apareceu pela primeira vez o Engenheiro, anunciado por dois cães.) O largo:

Visto da janela onde me encontro, é um terreiro nu, todo valas e pó. Grande de mais para a aldeia – é facto, grande de mais. E inútil, dir-se-á. Pois, também isso. Inútil, sem sentido, porque raramente alguém o procura apesar de estar onde está, à beira da estrada e em pleno coração da comunidade. Tal como um prado de cardos, mostra-se agressivo, só domável ao tempo; e se não pica repele, servindo-se das covas, dos regos das chuvas ou da poeirada dos estios. Um largo, aquilo a que verdadeiramente se chama largo, terra batida, tem de ser calcado por alguma coisa, pés humanos, trânsito, o que for, ao passo que este aqui, salvo nas horas da missa, é percorrido unicamente pelo espectro do enorme paredão de granito que se levanta nas traseiras da sacristia. Diariamente, ano após ano, século após século, essa muralha, mal o sol se firma, envia a sua sombra para o terreiro, arrastando uma outra, a da igreja. Leva-a envolvida, viaja com ela pelo deserto de buracos e de pó, cobre o chão, arrefece-o, e ao meio-dia recolhe-se, expulsa pelo sol a pino. Mas a tarde é dela. À tarde a sombra recomeça a invasão, crescendo à medida que a luz enfraquece. Tão escura, observe-se, tão carregada de hora para hora, que parece uma mensagem antecipada da noite; ou, se preferirem, uma insinuação de trevas posta a circular

pela muralha em pleno dia para tornar o largo mais só, deixando-o entregue aos vermes que o minam.

Assim, o enorme paredão figura mais como vulto, fantasma familiar, do que propriamente como muro. Isto, num certo sentido. Porque para quem conheça a aldeia (consulte-se a citada *Monografia do Termo da Gafeira*, do Abade Agostinho Saraiva, MDCCCI) é ali que está o pór-tico do povoado, o mastro, segundo ele, dumas gloriosas termas romanas mandadas construir por Octavius Theophilus, Pai da Pátria. Lá se pode ler, na pedra imperial (e na gravura que abre o livro), o mandato solene gravado a todos os ventos:

ISIDI DOMIN –
M. OCT. LIB THEOPHILVS

A muralha, como lápide de uma vasta e destroçada campa com vinte séculos de abandono. Ou simplesmente como cabeça do largo. E, crucificada nela e na sua legenda de caracteres ibéricos, digo, lusitanos, a igreja. Depois temos buracos e terra esquecida até à estrada de alcatrão, temos tabernas e comércio sonolento e, a fechar o traçado, uma fila de casas a cada margem, muitas delas vazias e ainda com as argolas onde antigamente se prendiam as bestas. Antigamente, em tempos mais felizes.

Antigamente, cinquenta, setenta anos atrás, o terreiro foi com certeza uma praça de feira, porque não? Um arraial. Um encontro de marchantes, com almocreves e mercadores de sardinha vindos de longe atrás das muares. Haveria barbeiros tosquiando ao sol e mendigos de chaga e alforge; tabuleiros com arrufadas; galinheiras de guarda aos seus pequeninos cestos de ovos, acoradas debaixo de largas sombrinhas (visto não existirem árvores); não faltaria sequer o capador em visita, cavalgando uma égua tristemente guedelhuda... Tudo isto devidamente emoldurado por uma correnteza de mulas e de jumentos presos às argolas das paredes enquanto os donos se perdiam pelas tabernas.

Feira e arraial. Arraial bordado por um friso de animais de carga, um friso de caudas a dar-a-dar (como galhardetes ao vento), nuvens de moscas em torno de ancas luzidias, e lojas cheias de forasteiros, lojas cheias, lojas cheias, e – atrevo-me a acrescentar – dinheiro e vinho a correr, mesmo que fosse a hora da missa e os camponeses embalados nos negócios e nas conversas de balcão esquecessem lamentavelmente os seus deveres de cristandade. Não se lhes levaria a mal por isso, tinham desculpa. A igreja, já de si pequena para a povoação¹, não comportaria os mercadores de fora, e os mais atrasados haviam de ficar à porta, ao ar livre, acompanhando a cerimónia por simples cálculo de tempo e pela campainha do sacristão. Os últimos, à falta de melhor, recolher-se-iam nas tendas, bebendo e conversando em tom comprometido, mas todos, no largo ou ao balcão, fariam o sinal da cruz quando, através da manhã silenciosa, soasse o tilintar de *sanctus, sanctus, sanctus*.

Pois sim, mas agora o largo é o que se vê. Uma muralha, um espectro. Mais exactamente, um terreiro enfeitado de argolas que tiveram a sua época quando rompiam das pedras chumbadas para deterem o viajante pela arreata da montada, de modo a fazerem desta praça uma estação, um ponto desejado. Por isso ele se mostra tão triste e paciente no seu silêncio e, mais que paciente, esquecido da aldeia. Tão renegado como o conheci faz hoje um ano, dia trinta e um de outubro, por ocasião da minha primeira caçada na lagoa. Abade Agostinho Saraiva:

«Desta terra da Gafeira quis a Providência fazer exemplo de castigo. Porque sendo dotada de águas boas na cura das feridas malignas e de abundante e saboroso pescado, não a redimiou o Senhor com a vara de Sua

¹ «No Livro das Confirmações do arcebispo Gusmão Contador dava-se a Gafeira, à data de 1778, com igual número de almas ao da própria cabeça do concelho [...] ao passo que em uma última relação se vê não haver mais do que 1044 habitantes, entre varões e fêmeas, e disto se tira prova do abatimento a que esta terra se acha condenada.» – Saraiva, *Monografia*.

«Só no ano passado emigraram da freguesia dezanove famílias inteiras, calcule Vossa Excelência.» – Regedor da aldeia, em conversa.

Altíssima Clemência, a qual tem duas pontas e são a do castigo do século e a do arrependimento cristão. E estas pontas são de fogo e de mel e conduzem à absolvição no dia em que das entranhas da Gafeira desaparecer o último sinal de paganismo bem como dos festins e orgias que se levaram a efeito nas termas romanas instaladas por Teófilo e das quais restam pedras ímpias e inscrições de agravado *speculum exemplorum*.»

Aceitemos a maldição. Soletremos a muralha pecadora e com mão oficial, zeloso doutor, escrevamos o *nihil obstat* para descanso de todos nós. Sou assim, respeito os mortos que deixaram a sua palavra no granito e no papel. Mesmo que os mortos se chamem Agostinhos Saraivas, Júlios Dantas, Augustos de Castro e outros literatos menores, sem esquecer os das estátuas. Bem, e depois?

Depois, quero dizer que os respeito mas que não me apropriro deles, ao contrário de muitos políticos, para lhes torcer o cadáver e as ideias à minha feição. Na maior parte dos casos passo de chapéu na cabeça por tais personagens, como se continuassem vivos, e a isso chamo eu respeitar. Por conseguinte, o muro que se conserve como está, e o abade também (nas páginas que escreveu), porque um e outro são incapazes de me explicar o terreiro acolá batido pela luz da tarde. Para o compreender tenho de fazer um desvio, recuar um ano. Escolher uma manhã de domingo e colocar, ao centro da moldura de argolas encimada pela legenda romana, não o bufarinheiro de outros tempos, não as galinheiras debaixo dos guarda-sóis nem o ferrador a talhar cascos, mas um Jaguar modelo E-4.2 litros. Isso: o largo e um Jaguar de frente para a igreja, mais ou menos no sítio onde está o meu carro. Um pouco à esquerda, talvez; vinte passos, digamos. Agora junto, se me permitem, dois lobos-de-alsácia, cada qual amarrado ao seu escudete do pára-choques; junto sol, muito sol, e – perdoai, Abade, que não sei o que faço – espalho um pouco de música também, ponho a deslizar certos coros esganiçados que costumam ouvir-se nas missas de província.

–*Spiritus sancte, Deus...*
... *miserere nobis.*
–*Sancta Trinitas, Unus Deus...*
... *miserere nobis.*

Gente, não a meto por enquanto: não a havia nessa manhã em que desembarquei na Gafeira. De vivo, tudo quanto encontrei foi a ladainha e os cães que estavam de sentinela ao poderoso automóvel, e mesmo esses não se dignavam olhar-me. Gemiam, rancorosos, e arreganhavam os dentes para as vozes que passavam por eles a contrapelo:

«Aú... aú-aúúú...»

«Aúúú...»

Os uivos esfarrapavam a ladainha e, naturalmente, haviam de chegar à igreja, que era acanhada e de madeiros pintados, igreja pobre como se depreende. Aí abalariam os camponeses na sua fé ensonada, inquietavam-nos (e não se esqueça que, momentos depois, eu iria presenciar o desfile daquela gente à saída da missa – posso vê-la portanto lá dentro: os homens de pé, as mulheres de joelhos. Filhas-de-Maria, de rosário nos dedos; rapazes com transístores e blusões de plástico recebidos de longe, duma cidade mineira da Alemanha ou das fábricas de Winnipeg, Canadá; moças de perfil de luto – as *viúvas-de-vivos*, assim chamadas – sempre a rezarem pelos maridos distantes, pedindo à Providência que as chame para junto deles e, uma vez mais, agradecendo os dólares, as cartas e os presentes enviados...

Chega. Todos, homens e mulheres, estariam como mandam as narrações sagradas, isto é, na apatia dos seus corpos cansados; todos a repetirem um ciclo de palavras, transmitido e simplificado, de geração em geração, como o movimento da enxada. E nisto...

... eis os uivos, lá fora. Correu um murmurar de botas no soalho, ouviu-se um choro de criança e, então, no altarmor, talvez o Engenheiro se tivesse voltado ligeiramente na cadeira. Se assim foi (como é de crer que tenha sido), tanto bastou para que um criado, por sinal maneta e mestiço, deslizasse por entre os fiéis e viesse à rua calar os animais.

Eu próprio o vi sair ao terreiro na tal manhã em que cheguei à Gafeira. Passou por mim a assoprar palavrões, cortado pelo sol e a balouçar o braço decepado. Só que, para espanto meu, diante das feras tornou-se frio de repente e falou-lhes em tom comedido. Dirigiu-se à primeira:

«*Lorde* duma cana, que nunca mais tens juízo...» E começou a desatar-lhe a trela.

«Um», respondeu-lhe o *Lorde*, deitando-se por terra.

Dirigiu-se à segunda fera, uma cadela:

«E tu? Queres festa, *Maruja*? Está-te a pular o pé?»

«Um», respondeu a *Maruja*. «Um-um...» E empinou-se, de língua de fora, para o cumprimentar. Mas o mestiço afastou-se secamente.

Com a única mão, despreendeu os animais e conduziu-os para o outro lado do largo. Escolheu duas argolas, amarrou-os com força e tão curto que roçavam o focinho na parede, mal tocando o chão com as patas dianteiras. E sempre a falar-lhes, sempre num sermão constante que, à distância onde me encontrava, me parecia um discorrer de conselhos paternais. Causava assombro assistir a semelhante tarefa de punição, à autoridade com que ele a executava e aos movimentos precisos e eficazes da mão no governo de duas feras tão difíceis.

Mão arguta, pensei. Mão controlada.

II

Dois cães e um escudeiro, como numa tapeçaria medieval, e só depois se apresenta o amo em toda a sua figura: avançado na praça com a esposa pela mão; blazer negro, lenço de seda ao pescoço.

De entrada pareceu-me mais novo do que realmente era, talvez pelo andar um tanto enfasiado, talvez, não sei, pela maneira como acompanhava a mulher – de mão dada, dois jovens em passeio. (Quando, na noite seguinte, o viesse a conhecer, compreenderia que, afinal, o que pairava nele era o ar indefinido, o rosto sem idade de muitos jogadores profissionais e amantes da vida nocturna. Mas continuemos.)

Continuemos, como naquela manhã, a seguir marido e mulher atravessando o largo. Havia sol a jorros, brilho e ouro, e não a claridade sem vida deste final de outubro a que estamos a assistir e que desgraçadamente nasceu comprometido, irmão do inverno. Lembro-me bem de que na altura pensei na maravilha da luz do outono – a melhor de todas – e em duas moedas resplandecentes, enquanto observava o casal em marcha para o Jaguar. Seriam sessenta metros ao todo (ponhamos mesmo setenta, a avaliar pela distância a que o meu carro está da igreja), setenta metros de silêncio e a passo de procissão, através de camponeses endomingados e ainda entontecidos pela lenta e pesada obrigação da missa. E eles avançando de cabeça levantada, mão na mão, sem um cumprimento a quem quer que fosse;

sem uma palavra entre ambos, e muito menos para o mes-tiço que os esperava com os cães pela trela. Duas silhuetas de moeda, dois infantes do meio-dia. Dois quê?

Sorrio: *Infante* nunca foi um termo meu. Saltou-me à ponta da frase porque desde que cheguei que o tenho no ouvido.

«Então o Infante? Não encontrou o Infante lá por Lisboa?»

A palavra deve andar a correr neste momento acolá, no café em frente. Não me admiraria muito. *Infante* para a esquerda, *Infante* para a direita... porque é no café que o velho cauteleiro faz praça, com as suas duas tiras de lotaria penduradas na gola do casaco. Só ele é que trata assim o Engenheiro, por Infante, e se calhar julga-se com direito a isso. Talvez tenha razão. Talvez, insisto eu, tenha mesmo necessidade desse direito, já que, além de vendedor de sortes grandes e terminações, ele é o guia e o arauto da aldeia. Cada ofício com seu estilo, e este – guia, pregoeiro, arauto e actividades associadas – precisa de ter o seu. Porque diabo não há-de haver copyrights para os cauteleiros?

«Então o Infante?» – aí está como ele me veio receber, não há muito tempo, quando me apeei no largo.

E, enfim, não se pode dizer que seja uma maneira muito própria de saudar um conhecido, um hóspede, como é o caso, que regressa à aldeia ao cabo de uma ausência de 365 dias. É verdade, trezentos e sessenta e cinco dias, Velho. 31 de outubro de 1966 – 31 de outubro de 1967. Datas de caçador. E este ano, que eu saiba, não foi bissexto.

Mas, ainda que tivesse decorrido apenas um mês, ainda que fosse uma escassa quinzena, uma semana, a questão põe-se no mesmo pé. Um caçador desembarca naquele terreiro, corre os olhos em redor – muralha, casas mudas, a porta aberta da loja do Regedor – e salta-lhe uma voz não sabe donde. Vira-se. Dá com um homenzinho a fitá-lo: «Então o Infante?»

Palavra, parece uma acusação. Desconcerta encontrar assim uma cara que nos é conhecida e no meio dela um grande dente espetado a pedir-nos contas:

«O Infante?»

Depois os olhos, Velho. Essas frestas sem brilho também se estavam nas tintas para tudo, para mim, visitante de boa vontade, e para todos os outros caçadores que hoje e amanhã vêm à Gafeira em romagem às aves da lagoa. Queriam saber do Engenheiro (do Infante, peço desculpa). Quanto ao resto, os olhos nem bom-dia nem boa-tarde.

«Não o viu? Não se encontrou com ele lá por Lisboa?»

Perante isto um homem hesita. Percebe que houve coisa. Mas o quê?

«Crime», pronuncia o dente inquisidor; e sente-se que dentro do Velho se tinha levantado uma alegria mansa. A vitória do profissional de novidades que gosta de chegar primeiro, e no momento inesperado, com a revelação que deslumbra o visitante.

«Estou-lhe a dizer. Cães, criado e dona Mercês, já nada disso existe. Caramba, não me diga que não sabia.»

Calcula-se como um dente como aquele, único, eremita, pode apanhar um forasteiro à hora do meio-dia numa aldeia em silêncio. É um osso eriçado no deserto, um estilete que se aproveita da desorientação de um estranho para penetrar nele a fundo, sempre mais fundo, de modo a destruir-lhe os últimos restos de dúvida e de serenidade.

«Homem...», tenta ainda o viajante. E o outro a cortar rápido, sem mais aquelas: «Assim mesmo. A dona Mercês matou o criado e o Infante matou-a a ela. Nem mais.»

A partir daqui o Velho não tem bandeira. Entrou num discurso tortuoso, carregado de meias-palavras, no qual era possível vislumbrar Maria das Mercês, tresloucada de todo, a enfrentar o marido e o criado, essa estranha aliança que a torturava. «Acabou-se. Comeram-se uns aos outros, tiveram o fim que mereciam... Agora quem quiser caçar na lagoa já não precisa da autorização do Infante para nada.» E etc.

Assim, de cabeça baixa, gabardina no braço, deixei eu há coisa de três horas o meu carro, rumo à pensão. Levava em cima de mim a voz do pregoeiro da aldeia; ia envolvido numa tempestade de vinganças e delírios populares, as tiras

de lotaria esvoaçavam à minha frente e o homem parecia louco, louco varrido. Ou fazia o seu número?, perguntava eu a todo o passo.

Avalio deste miradouro as voltas e contravoltas que aquele dente não deu sobre o terreiro: picando-o todo em redor de mim, mordiscando-o em círculos enquanto estive parado junto do carro; singrando depois em ponto corrido a perseguir-me com lengalengas, e finalmente, já mais confiante, tecendo renda de palavras, enovelando-se-me nos passos a tolher-me a marcha. A dada altura fui eu que me deixei levar por ele. Tocado pelo veneno da curiosidade, em vez de me dirigir logo para aqui, onde uma estalajadeira de caçadores aguardava a minha chegada desde manhã, acompanhei o Velho ao café. A pensão que esperasse, decidi. Primeiramente convinha tomar fôlego, beber um copo, e, já agora, conhecer as linhas com que se cose o caçador ignorante dos mistérios aldeões. Estes da Gafeira sobretudo tinham sido muitos e inacreditáveis. Se tinham.

«Eu não dizia?», anunciou o Velho, mal entrámos no café. «O Infante também não está em Lisboa.» Apontava-me a dois homens que estavam sentados a uma mesa, como se me tivesse ido buscar algures para vir ali confirmar o que há muito suspeitava.

«Diabo...», murmurou um deles, o dono do café, coçando a cabeça. «Isso agora é que é o diabo...»

E o outro, um batedor de caça:

«Teria ele abalado para a África?»

«África?», gritou o Velho. «Deixa-me rir. Em África nunca ele estaria em segurança.»

O Batedor então:

«De qualquer maneira fugiu. E quem foge é porque não quer ser apanhado. Essa é que é essa.»

Velho-Dum-Só-Dente:

«Agora assobiem-lhe às botas. Matou, cometeu crime... E ainda dizem que há justiça.»

Batedor:

«Duas mortes, nem menos.»

Velho:

«Uma, Batedor exagerado. O Domingos foi morto pela patroa.»

Aquí estabeleceu-se confusão. Segundo o comerciante, proprietário de uma casa de porta aberta, já se sabe: a verdade está nos autos. Nada de crime. Segundo o cauteleiro a moeda foi o ciúme. A patroa mata o criado, e o marido, roído de mágoa, mata-a por sua vez. «Pois tu não entendes», remata o Velho, «que desta maneira é que o alma do diabo fica sem ponta de honra onde se agarre? Não entendes mais, Batedor de boca aberta?»

Parece que os estou a ouvir: dois pregadores em fúria. Discutem a morte e já lhe metem almas do outro mundo de permeio; falam de cães, cães-fantasmas (ou terei entendido mal?) e nada os pode deter.

«Destelharam a casa», dizia o Velho (ou o Batedor, já não os distingo...) «São as almas dos Palma Bravo que andam por lá à porrada.»

«As almas e os cães», acrescenta o outro. «Também aparece o fantasma do Domingos disfarçado de cão-maneta. Dizem.»

«Bem feito. O Domingos não quis ser toda a vida cão do Infante? Não se comportou como tal? Pois teve o fim que merecia, nem mais.»

«Morte de cão, como lhe pertencia.»

«E o Infante também teve o fim justo. Preparou a cama, deitou-se nela. Foi ou não foi?»

«Grandecíssima cegada.»

«Já lá dizia o filho do enganado que quem muito fornicava acaba fornicado. E é o caso. A verdade está bem à vista.»

«Cegada. Grandecíssima cegada.»

Eram dois corvos, dois apóstolos excomungadores. O cauteleiro a celebrar maldições, com as tiras de lotaria ao pescoço como uma estola de sacerdote, e o Batedor, sempre fiel, a acompanhar-lhe a ladainha. *Infante... Infante...*, repito de mim para mim. E muito no íntimo peço-lhe desculpa de ter empregado um termo tão do Velho e em que só o Velho sabe pôr a intenção mais profunda. Falta-me, quanto mais não seja, o ódio animal de um dente que

navega entre a fábula e a justiça para dar a essa palavra a violência devida. E, para já, retiro a expressão. Seria um efeito inútil, tenho de reconhecer.

Portanto, onde pus *Infante* ponho *Engenheiro*, ou simplesmente o nome próprio, Tomás Manuel, e desvio o olhar do café onde deixei o Velho e o Batedor. Volto-me antes para o largo e, sem querer, torno à manhã do ano passado em que assisti à aparição do casal Palma Bravo depois da missa. Sigo-o de perto, atravessando a multidão (com licença, Velho) por entre filhas-de-Maria, viúvas-de-vivos e rapazes de blusões comprados nos armazéns de Winnipeg, Canadá. Só que me demorei demasiado com coisas à margem, fantasmas, questões de café – e, com tudo isto, o nosso homem já está ao volante do carro. A seu lado, Maria das Mercês, jovem esposa; atrás, o criado mestiço entre dois mastins. «A Barca do Inferno» – resumo da minha janela, pensando no triste fim que os espera.

Admirado pelos jovens de blusão, Tomás Manuel, o Engenheiro, limpa os óculos escuros com gestos vagarosos. Não se mostra interessado na curiosidade que o rodeia, quase não olha, sabendo que com um toque de acelerador abre caminho e segue em frente. Obedecerá a certa regra que mais tarde, numa noite de mau vinho, eu ouviria da boca dele em relação à gente da Gafeira e das suas manhas?

Puxo pela memória: *Estes tipos quanto mais nos olham menos nos querem ver...* – era a tal regra. O Engenheiro completara-a com o exemplo dum celebrado tio Gaspar que só descia à aldeia para ouvir missa e que, mesmo então, nunca fitava ninguém de frente. Fazia-o por pena, dizia ele. Receava que essa gente cegasse quando lhe sentisse o brilho do olhar.

Pelo que vim a saber de Tomás Manuel nos nossos serões na Casa da Lagoa, acredito que estivesse assim naquele instante: pé no acelerador, soberano ao tempo e aproveitando, sem o saber, as regras dos grandes defuntos. A própria Dona da Pensão, tão pausada, tão arranjadeira, afirma que havia nele um coração largo e um cata-vento de

caprichos; que ora seguia as lições do pai e do avô, pessoas de amigo conviver, ora as do citado tio Gaspar, o fidalgo do olhar que cegava. Tinha fases, dizia ela.

E eu:

«Fases?»

Corto as considerações da minha hospedeira porque me vem à lembrança um estrondo poderoso, rasgando a apumada linha do meio-dia. Que é isto?, perguntará, se perguntar, alguém desprevenido. O largo ficou a tremer, o Jaguar transformou-se num ronco que já passou a aldeia, que já se perdeu na estrada e uiva pela serra acima, a devorar curvas sobre curvas até mergulhar no pinhal e deter-se a meia encosta sobre a lagoa. É ali a casa.

Julgo que ainda a sei apontar, embora esteja oculta, na outra aba dos montes. Guiando-me pelo enfiamento da chaminé da vivenda do padre, com aquele pau de fio mais isolado, vou lá dar, é infalível como assinalar a lagoa ao pôr do Sol pela coroa de fumos que a denuncia e que é – torno a dizer – o reflexo dela, a respiração que se liberta dos pântanos e dos caniços.

(Continua numa livraria perto de si.)